

ORATÓRIO

A convite do Foundling Museum¹, instituição museológica que guarda a memória das crianças abandonadas e recolhidas no Foundling Hospital², Paula Rego realizou, entre 2008 e 2010, um conjunto de trabalhos expostos pela primeira vez nesse museu, entre Fevereiro e Abril de 2010. Esta exposição colocou 3 artistas contemporâneas, Paula Rego, Mat Collishaw e Tracey Emin, em diálogo e reflexão sobre os rituais de passagem das crianças pela instituição. Com esta primeira apresentação em Portugal, a Casa das Histórias recupera e completa esse recente núcleo de trabalhos da artista portuguesa.

Para tratar o tema do abandono e da vulnerabilidade infantil, a artista apropriou-se de um objecto muito comum nas grandes casas portuguesas tradicionais, um móvel-oratório, onde as famílias podem rezar na intimidade, escolhendo e distribuindo nesse móvel as imagens mais evocativas das suas afinidades religiosas particulares. Um oratório é um objecto de devoção que serve exclusivamente para rezar e que, com a sua dupla dimensão religiosa e doméstica, permite uma relação mais próxima e directa entre a casa e o Divino. Os santos são as figuras mais presentes, pequenas esculturas, criadas também para proteger as famílias, dispostas nesses altares íntimos e sem intermediação, onde o sagrado toma as formas mais próximas do humano.

Paula Rego apoderou-se desta ideia para construir um objecto tridimensional, um móvel com quase 3 metros de altura, na exacta equivalência dos oratórios portugueses, com o mesmo par de volantes e expressão volumétrica, onde desenvolveu pela primeira vez uma inesperada e intencional relação entre os desenhos, dispostos nas paredes do armário, e as esculturas colocadas sobre este fundo narrativo. No oratório da artista os santos são substituídos pelas crianças e é para elas que o nosso olhar é imediatamente atraído. Vestidas com os uniformes do Foundling Hospital e em poses grotescas, alguns

¹ O Foundling Museum foi criado em 1930 a partir do espólio do Foundling Hospital e reúne pinturas e objectos doados pelos muitos benfeitores dessa primeira instituição.

² O Foundling Hospital foi fundado em 1741, em Londres, por Thomas Coran, capitão de mar e conhecido filantropo, com a finalidade de recolher, dar abrigo e formação a crianças expostas ou abandonadas nas ruas de Londres.

episódios das suas vidas são contados nos desenhos, em sucessivos estados intermédios de sofrimento, que ligam o nascimento à morte. As crianças serão afinal os santos, também elas mártires e colocadas em altares sacrificiais.

Há uma espécie de “dança da morte”, macabra, caricatural e goyesca a ligar todas estas figuras. A morte está anunciada desde o parto, com a imagem da rapariga que dá à luz uma caveira, sob o branco frio da lua. As crianças ou jovens, têm na generalidade rostos de velhas, à excepção dos bebés atirados para o fundo do poço. Toda a simbologia infantil de conforto e de prazer associada à ideia de *boneca* (presentes nas objectos escultóricos e representadas nos desenhos) é brutalmente transformada num ritual de morte. Os homens são apresentados na sua imagem mais primitiva, predadores e violentos. O feminino surge como expressão de poder sacrificial e de resistência, à semelhança de alguns dos seus melhores trabalhos.

A ideia de casa, de um espaço doméstico protector, de um pequeno santuário de guarda que se pode fechar e defender, é transportada pela artista para uma dimensão de radical exposição à violência, criando uma fractura de significados. Paula Rego convoca o privado para uma impiedosa apreciação de uma realidade social e pública.

Esta notável evolução da artista, que transforma os mais recentes *modelos*³ do seu trabalho, em verdadeiras esculturas, recuperando também a dimensão física dos objectos lúdicos dos anos 70 (ninfas, princesas ou o gato das botas...), serve a sua absoluta necessidade de progredir para novas soluções e outros caminhos experimentais.

No caso deste recente ciclo de trabalhos, a partir do diálogo criado entre desenho e escultura, a artista quer deliberadamente acentuar o sentido ritual e tornar mais densas as narrativas. Ao mesmo tempo que torna a representação mais objectual, real e palpável, desencadeia uma interacção entre as esculturas e os desenhos, duplicando os sentidos e as ambiguidades, e criando diferentes patamares emocionais entre os vários tempos de acção, muitas vezes cruzados, raramente coincidentes. Um olhar comparativo entre desenhos

³ Objectos construídos pela artista, que lhe servem de modelos para a construção do seu trabalho bidimensional.

preparatórios, desenhos finais e figuras escultóricas, sugere uma grande amplitude narrativa, com alguns desvios interpretativos aos vários temas abordados. Como num verdadeiro objecto religioso, também no Oratório de Paula Rego, a dor, o sacrifício, o prazer, a aceitação se confundem e sobrepõem numa clara alusão à complexidade da natureza humana.

Uma vez mais a artista vai encontrar na tradição popular portuguesa, as raízes históricas para o desenvolvimento do seu trabalho. No objecto oratório em si mesmo, mas também no sentido, tão pedagógico, de muitas das histórias e lendas que frequentemente cita. A visualização do horror e da violência na obra de Paula Rego está também relacionada com esse princípio formativo, que ajuda a construir o sentimento de defesa e o conhecimento, essenciais à sobrevivência. Recorde-se, a propósito de um dos conjuntos de desenhos, a história contada nas aldeias, da Maria do Gancho, que vive dentro dos poços e puxa para o fundo os meninos que neles se debruçam...

Helena Freitas

Serém, Julho 2011